

DOS LIMITES DA EDUCAÇÃO REMOTA: O CASO DO BRASIL NA PANDEMIA

Professora Doutora Marcia Guerra Pereira¹

Professora Mestre Daise dos Santos Pereira²

SIMPOSIO: Acceso a una educación básica inclusiva, equitativa y de calidad

RESUMEN:

Nessa comunicação partimos da constatação de que a realização do ano letivo brasileiro de 2020, na forma remota em função do isolamento social imposto pela epidemia de COVID19, não foi acompanhada de um debate amplo e participativo na sociedade e, em particular, entre os profissionais de ensino, responsáveis pelos discentes e comunidade acadêmica. O objetivo é demonstrar que em meio às inadequações das instituições, realidades locais e as limitações de atendimento mínimo dos objetivos previstos na legislação brasileira, as ações insurgentes de professores são decisivas, no sentido de evitar que a acentuada desigualdade social no interior da sociedade seja agravada pelas precárias condições de inclusão digital presentes nos lares brasileiros. Nossas conclusões ancoraram-se no acompanhamento da práxis de docentes atuantes na educação infantil do município de Magé, interpretadas por meio da combinação dos conceitos de Boaventura de Souza Santos, Michel de Certeau e de Paulo Freire.

PALAVRAS- CLAVES

PANDEMIA 2021. ENSINO REMOTO. EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Introdução: nossas premissas

Em março de 2020, o pensador indígena Aílton Krenak constatava que o que até então parecia impossível havia ocorrido: **o mundo havia parado**. A reação dos países atingidos pelo vírus sem controle foi a de buscar, através do isolamento social intenso, ganhar tempo para reduzir o impacto letal pandemia de COVID19.

¹ Marcia Guerra é historiadora e trabalha no Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ. Integra o Programa de Pós Graduação em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras. Correio eletrônico: marcia.pereira@ifrj.edu.br

² Daise dos Santos Pereira é pedagoga e doutoranda em educação na PUC-Rio. Professora de Educação infantil nas redes municipais de educação de Magé e Petrópolis. Correio Eletrônico: daise2009@gmail.com

Naquele momento, o filósofo sublinhava a importância de aproveitarmos a ocasião (não esperada, é claro) para redefinirmos os rumos das relações que estabelecemos entre nós e com o Planeta. Ruas vazias, conexões internacionais interrompidas, fábricas e escolas fechadas, pais e filhos retomando um contato que já se escasseava há anos. Parafraseando Marx, sentia-se que tudo o que era sólido, e não poderia parar, interrompia-se. E os momentos de crise, bem o sabemos, são as ocasiões nas quais se gesta e desabrocha o novo.

Passados nove meses, a leve esperança de que outros caminhos pudessem ser traçados, inclusive pelos brasileiros, se dissolveu. Aílton Krenak é incisivo ao afirmar que

Estamos no Brasil em uma situação desgraçada, que mistura pandemia e essa miséria política. Fora do Brasil, ao menos, há esperança de abrir outros debates acerca das desigualdades que a pandemia agravou, as mudanças climáticas, os refugiados... O que a pandemia tem feito é um ensaio sobre a morte. É um programa do necrocapitalismo. A desigualdade deixa fora da proteção social 70% da população do planeta. E, no futuro, não precisará dela sequer como força de trabalho. ...³

A miséria política a qual se refere tem na presidência da República sua expressão maior: um perverso⁴ populista, genocida e negacionista. Entretanto, não se restringe a essa esfera do poder. A situação do Estado do Amazonas e de Manaus, sua capital, destroçada por duas variantes distintas do vírus, com o sistema de saúde colapsado, os necrotérios colapsados, os estoques de oxigênio esotados gerando a necessidade de exportar seus doentes para outras regiões em caravanas de aviões é uma responsabilidade coletiva. E o comércio continua a funcionar, a economia não pode parar. O restante do país teme a hora em que chegará a sua vez de transformar-se numa nova Manaus.

Não é demais lembrarmos que o Brasil apresenta hoje o pior quadro mundial de resposta à COVID. Ainda que os Estados Unidos tenham alcançado a marca de 400 000 mortos, seu novo presidente coloca em prática um plano de contenção

³ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-proxima-missao-do-capitalismo-e-se-livrar-de-metade-da-populacao-do-planeta/>

⁴ Em uma descrição leiga, o indivíduo perverso se caracteriza por ser aquele a quem o sofrimento produzido no outro lhe causa gozo. Seja esse sofrimento social, profissional ou nas relações pessoais entre indivíduos envolvidos no comportamento.

da epidemia que irá contar com anunciados 1 trilhão de dólares e vacinação em massa. O gigante da América do Sul, por sua vez, para além dos mais de 200 000 mortos, não possui vacinas, suspendeu o auxílio emergencial aos mais vulneráveis, mergulha em uma crise econômica sem precedentes e tem no controle federal da saúde um general responsável pela aquisição de mais de um milhão de reais em remédios, sem qualquer comprovação de eficácia, com o objetivo declarado de apenas gerar “esperança a milhões de corações aflitos com o avanço e os impactos da doença no Brasil e no mundo”⁵.

Todavia, é errônea a suposição de que esse quadro de falência epidemiológica e social seja vivido de forma homogênea pela sociedade brasileira. A longa duração da pandemia fez cair por terra a ilusão de que o vírus fosse cego às classes sociais. Como reitera Boaventura de Sousa Santos, qualquer quarentena é sempre discriminatória, e atravessá-la é mais difícil para certos grupos sociais. Para ele, as mulheres, os trabalhadores informais e os que trabalham nas ruas, os que vivem nas ruas e os moradores de periferias, entre outros, têm sua situação de vulnerabilidade bastante agravada pela pandemia. Em suas palavras

A lista dos que estão a sul da quarentena está longe de ser exaustiva. Basta pensar nos presos e nas pessoas com problemas de saúde mental, nomeadamente depressão. Mas o elenco seleccionado mostra duas coisas. Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos media e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele. (SANTOS: 2020, p. 21)

Junto as vidas ceifadas, as famílias destroçadas, aos futuros interrompidos alarga-se o abismo social no interior do Brasil. O breve tempo de redução das desigualdades vai sendo substituído por políticas que a tornam mais agudas. Para evidenciar esse cenário, podemos pensar em duas importantes ações,

⁵O Exército afirma que gastos elevados em insumos da cloroquina seriam para evitar ‘danos irreparáveis’, Cida de Oliveira, RDA, 21.12.2020 Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/12/exercito-gastos-cloroquina/>. Acessado em 23/01/2021

tomadas pelos Governo Federal, que impactam diretamente na ampliação das disparidades sociais. Por um lado, a manutenção do semestre letivo na modalidade remota e, derivada do primeiro, a insistência em realizar no momento mais agudo da chamada “segunda onda da pandemia” os exames nacionais de acesso ao ensino superior, em nome de exigências burocráticas.

Distinguir os dois episódios é apenas um procedimento analítico, pois de fato, resultam de um mesmo princípio: as autoridades responsáveis pela educação brasileira fecham os olhos às profundas diferenças existentes no sistema educacional e na própria sociedade. No repertório de medidas disponíveis mundialmente para enfrentar a impossibilidade de manter-se escolas abertas no modelo consagrado ao longo dos séculos - professores e estudantes divididos por classes seriadas e encontrando-se presencialmente, optaram por transpor esse modelo apenas substituindo o estar juntos, ao vivo e a cores no mesmo espaço físico, por aulas virtuais, encontros remotos entre os mesmos docentes e discentes que comporiam uma turma através da internet.

Na contramão da dos princípios contidos na Constituição Brasileira de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Nacional⁶ que registram a relevância da educação responder a diversidade de situações encontradas no território, desconsiderou-se que *desigualdades econômicas, sociais e culturais se reproduzem na dimensão virtual e tecnológica, o que significa restrição de acesso a indivíduos já marginalizados, reificando assim suas condições de vida e de trabalho* (KOPF: 2020, p. 15). E a migração do presencial para o online se fez sem maiores discussões pedagógicas, sem municiar estudantes e professores das ferramentas necessárias a qualificar a comunicação, tais como computadores, programas, memórias, chips e similares.

É importante não perdermos de vista que na perversa situação brasileira a precariedade do sinal da internet se agudiza à medida em que adentramos nas periferias, segundo dados e pesquisas recentes, o acesso à rede exclusivamente por meio de aparelhos de celular é de 85 % entre as populações de baixa renda e 47 % dos lares rurais não possuem acesso à internet.

⁶ Estes são os dois marcos legais a ancorar o sistema educacional do país

A atividade letiva desenvolve-se, assim, em condições muito desiguais, mas pressupondo que todos terão igualmente acesso aos insumos necessários. Isso ocorre nos lares onde não houve morte de um dos provedores, desemprego, imposição do trabalho juvenil ou infantil, fome. Nos demais, a existência decorre no que nós, brasileiros, denominamos fio da navalha. E a capacidade de absorção e interesse pelos conteúdos vinculados, o mais das vezes sem haverem sido adequados a linguagem virtual, resumindo-se a um professor que reproduz a estrutura das aulas presenciais através de um celular – e sem louça.

A realização dos exames nacionais evidenciou o tamanho da crise: dos 5.783.357 inscritos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2020, cerca de 55,3% faltaram⁷. Ainda é cedo para termos uma resposta precisa do que levou a esta abstenção recorde, mas desde já podemos apontar que ela resulta da ausência de acesso a escola, onde jovens são estimulados a ir em busca dos sonhos e acolhidos em suas inseguranças, da percepção de que não iriam ser aprovados pois seus estudos não foram suficientes, da falta de meios de ir até o lugar das provas... É constrangedor afirmar que sim, no país sem vacina, com o sistema de saúde colapsado e sem normas de segurança eficientes, o ENEM foi realizado de forma presencial.

Por uma imaginação corazonada⁸

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.” (FREIRE: 1979, p. 30).

O que queremos mostrar, entretanto, é que em meio a profunda crueldade do enfrentamento da Pandemia por parte dos sistemas de ensino, houve e há a capacidade de resistir, atribuindo sentidos libertadores ao que foi pensado como

⁷ Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) < http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/5-8-milhoes-estao-inscritos-para-fazer-o-enem-2020/21206 >

⁸ A expressão é uma liberdade das autoras, conjugando o conceito de imaginação epistemológica e Corazonar, de Boaventura Santos

prática burocrática. Praticando a insurgência pedagógica, fazendo uso de táticas que reinventam docentes e fortalecem docentes fragilizados.

Frente a esse desafio, que rompe a premissa do contato direto entre os envolvidos no ato de educar, que nos deixa distantes do corpo que tantas coisas expressas, do carinho que ajuda a compreensão, do olhar que questiona – em particular em se tratando da educação infantil, passamos a realizar atividades educativas à distância.

Para um conjunto de professores mundo a fora foi mais uma vez colocado o desafio de reinventar o seu fazer pedagógico. Em geral, somos os mesmos que já o fazíamos na escola presencial. Pois sabemos que é possível abrir espaços no interior de instituições que são feitas para reproduzir o que não satisfaz. Que é possível se contrapor ao que é desprovido de sentido. Neste particular, o exemplo dos avanços alcançados no combate ao racismo nos serve de horizonte e cartilha.

Presencialmente, ou a distância, temos a compreensão do nosso papel na superação das desigualdades que se agudizam ao longo desses tempos pandêmicos. Compreensão essa, que talvez precisemos reafirmar a cada manhã e alimentá-la com doses de razão aquecida, ou seja, por um Corazonar que segundo Santos (2019):

Corazonar significa experienciar o infortúnio ou o sofrimento injusto dos outros como se fossem próprios e estar disponível para se aliar à luta contra essa injustiça, ao ponto mesmo de correr riscos. Significa acabar com a passividade e fortalecer o inconformismo perante a injustiça. Corazonar nunca significa que as emoções deem origem a uma falta de controle. Pelo contrário, as emoções são a energia vital que impele as boas-razões-para-agir a passarem à ação ponderada (...). Corazonar é uma forma amplificada de ser-com, pois fazer crescer a reciprocidade e a comunhão (...) (2019, p. 154)

São muitas as durezas e truculências desse tempo que nós professores “corazonados” buscamos atenuar. - Como? Perguntariam céticos e egoístas. Diríamos que a criatividade e a determinação são o que deve motivar a luta contra tudo que oprime e violenta.

Mesmo que as chances de vitória sejam poucas, mesmo que as arbitrariedades da profissão se acentuem, a força criadora e preditiva que nos movem, devem nos mobilizar a atuar pelas brechas e agir taticamente neste campo minado do ensino remoto emergencial.

Temos visto, realizado e acompanhado docentes cujas táticas de luta que apontam para apropriação de métodos, técnicas e epistemologias que são capazes de construir processos educativos mais conectados com a vida, na sua forma mais plena: à sobrevivência, à liberdade e à afirmação das diferenças culturais e étnicas.

Esses processos, estão imbuídos do que chamamos de *imaginação epistemológica*, citada por Santos (2019 p. 189,) e quando contextualizada com a atuação docente, representa uma imaginação que diferencia o professor comprometido do mero professor. Em outras palavras: o objetivo desta imaginação é fortalecer lutas de grupos sociais contra a dominação. Para melhor visualizar, destacamos duas dimensões desta imaginação que consideramos estruturantes para o que será desenvolvido a seguir:

- *Imaginar sujeitos onde as epistemologias do Norte apenas veem objetos.* Imaginar sujeitos ausentes onde existem saberes ausentes, ou conhecimentos construídos como ausentes pela linha abissal. Imaginar que os saberes ausentes significam provavelmente lutas sociais que efetivamente tiveram seu lugar.

- *Imaginar as consequências da não separação entre vida e investigação.* Transformar o investigador social pós-abissal num artesão que usa as ferramentas metodológicas de forma criativa, ao ponto de conseguir construir o seu próprio método. Imaginar os riscos e as frustrações que o investigador pós-abissal poderá correr, consciente de que conhecer segundo a lógica pós-abissal (conhecer *com* e não conhecer *sobre*) implica a razão aquecida, isto é, o *corazonar*. (SANTOS, p. 191, 2019)

Acompanhamos a experiência que consideramos exitosas de uma práxis em diálogo com o Ensino das Relações Étnico-raciais (BRASIL, 2003, 2004; PEREIRA, 2018), com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), com as Tecnologias Sociais (COSTA e JESUS, 2013) e epistemologias outras a partir do Sul (SANTOS, 2019). desenvolvida no município de Magé, cidade periférica do Rio de Janeiro, na qual os

afrodescendentes desempenham um papel determinante na história e são hoje demograficamente relevantes.

As professoras e os estudantes pertencem às classes populares e partilham histórias comuns de opressões e exclusões. Uma das escolas localiza-se em território onde existiu o primeiro território demarcado de remanescentes quilombolas na Baixada Fluminense, o quilombo de Maria Conga.

Essas professoras criaram, com recursos próprios e montando uma rede de solidariedade que viabilizou o aprendizado e a partilha de diferentes programas de construção e edição de vídeos, um conjunto de audiovisuais destinados aos estudantes da educação infantil⁹. Não é possível analisá-los nesse espaço, mas sugerimos que sejam vistos pelos leitores. As professoras, munidas de um programa para construção de avatares¹⁰, reproduziram fenotipicamente as características de docentes e discentes.

Esse potencial criativo e autoral, construído em uma perspectiva decolonial, por professoras da educação infantil cuja voz não é e não foi ouvida, permitiu que as crianças se vissem ali representadas, que seus responsáveis se reconhecessem na tela e que percebessem se tratar de questões que lhes diziam respeito diretamente. Não lhes foi possível sanar problemas materiais: gerar empregos ou encher pratos vazios e assim evitar a evasão. Mas atribuir sentido ao que é transmitido, viabilizar - através de atividades lúdicas preparadas com engenho e arte, que aquelas crianças viessem a tocar nos princípios básicos da educação infantil:

Princípios Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades;

Princípio Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;

⁹ Os vídeos estão disponíveis no Youtube: <

<https://www.youtube.com/watch?v=ruhWLZvKtQc>>isponíveis>;

<https://www.youtube.com/watch?v=ruhWLZvKtQc><<https://youtu.be/KJtUHoxD0I4> ><

<https://dmjracial.com/.../heranca-quilombola-maria-conga.../> > foram acessados em 24/01/2021

¹⁰ Tratam-se de produtos digitais produzidos com aplicativos que permitem criar avatares (Zepeto, Avatoon, Bitimoji), editores gráficos para a criação de layouts, como o Canva. E software, como KineMaster para a produção dos vídeos. Todos de domínio público e ao alcance de todos.

Princípios Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não, nem todos vivem a pandemia da mesma forma. Entre os mais vulneráveis a doença chega com maior intensidade, assim como o desemprego e a fome. A pressão para que mais gente da família seja responsável por colocar comida na mesa é crescente. A precarização nos leva a recordar um tempo em que a escola era considerada supérflua e os filhos dos explorados entregues a quem lhes pudesse alimentar: meninos aprendizes, aos cinco/seis anos de idade carregando baldes, compras, pedras; meninas criadas, empregadas no cuidado com e da casa, dos filhos de seus amos ou satisfazendo as taras daqueles que por elas podem pagar.

Imagens não tão distantes... Superadas pelo avanço na distribuição de renda e na escolarização.

A prolongada duração da pandemia do COVID 19, agravada pela ausência de políticas de proteção efetiva dos mais pobres dentre nós, encontra-se com a exclusão digital, que continua invisível para os poderes executivo, o legislativo e judiciário do país e promete tornar esse quadro ainda mais sombrio. Uma antecipação do desastre pode ser constatada na ausência de cerca de 50% dos inscritos no Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM. Quase 50 % de indivíduos que desistiram de um futuro atravessado pela educação superior. Faltou-lhes estímulos? Faltou-lhes um computador? Faltou olhar acolhedor de um profissional da educação?

Infelizmente, políticas públicas não podem ser urdidas tendo por base “habilidades individuais”, “determinação individual” ou “consciências individuais”. Por sua definição, precisam ser tecidas por governantes, agentes públicos e comunidade. Temos pela frente uma longa convivência com o vírus. Talvez ainda haja tempo, se houver vontade política, de iniciarmos uma discussão efetiva sobre como garantir uma educação efetivamente libertadora em tempos tão sombrios. Até lá, esperamos nos multiplicarmos em Marias Congas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CNE. (2020). Parecer Com Diretrizes Para Reorganização dos Calendários Escolares e Realização de Atividades não presenciais pós retorno.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF, 2010.

_____. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, DF: MEC, 1998.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FLORES, N; ARNT, A. Desigualdade social e tecnologia: o ensino remoto serve para quem? COVID-19/ Blogs de Ciências da UNICAMP. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/desigualdade-social-e-tecnologia-o-ensino-remoto-serve-para-quem/>> Acesso em: 18/01/2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 33.ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

KNOP, Marcelo Ferreira Trezza. Desigualdade Digital e Desigualdade Social no Brasil. Tese de Doutorado. UFJF- Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11695> > Acesso em: 20/01/2021.

PEREIRA, Daise dos Santos. A Questão Étnico-racial, perspectivas teóricas críticas e processos educativos em diálogo. Revista Novamerica. Nº 165 * jan-mar/2020. Disponível em: <http://www.novamerica.org.br/ong/?p=1503>. Acessado em 14/04/2020.

PEREIRA, Márcia Guerra; PEREIRA, Daise dos Santos. A (re)significação das imagens-memórias da formação docente para a inclusão da diversidade. XVIII ENDIPE, UFMT. Cuiabá, 2016. Disponível em: <<https://www.ufmt.br/endi2016/artigos-completos-eixo-2/>> Acesso em: 10/01/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do Império Cognitivo: a Afirmação das Epistemologias do sul – 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos. - CEBRAP [online]. 2007, n.79, pp.71-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 21-01-2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Ed. Almedina, 2020.